O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

ANO 34.º — Sábado, 29 de Março de 1941 — N.º 1674

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto Agência Havas

Carta de Lisboa

Contratos colectivos

A acção Corporativa do Estado Novo tem, desde há dias, mais uma admirável página.

Queremos referir-nos à assinatura de 28 acôrdos de trabalho recentemente feitos, sob a presidência do sr. Sub-Secretário das Corporações nos distritos de Évora e Portalegre.

Novamente a Revolução Nacional afirmou o seu muito interêsse pela vida dos trabalhadores, e principalmente dos trabalhadores rurais, até há pouco tão abandonados e desprotegidos de qualquer auxílio. No discurso a todos os titulos notável que pronunciou, no acto da assinatura dos referidos contratos, o sr. dr. Trigo de Negreiros acentuou, mais uma vez, que felizmente já se enveredou pelo caminho de se não esperar que seja o Govêrno quem resolva todas as dificuldades, provindas de tôdas as crises. Hoje trabalhadores e patrões, sabendo ter noção clara das suas responsabilidades, sabem também encarar resolutamente as suas dificuldades e resolve-las com grande espírito de decisão.

Longe de ser uma palavra vã é uma realidade magnífica o bom entendimento, a sã compreensão existente entre patrões e trabalhadores.

Os novos contratos colectivos assinados há pouco, no Alentejo, são disso mais uma prova clara e eloquente.

Medida simpática

Lisboa recebeu com a maior compreensão o novo imposto lançado sôbre os preços dos bilhetes dos espectáculos públicos e cujo produto se destina a favor das vítimas do ciclone.

E' uma contribuïção que é dada por todos os que podem pagar, e vai servir e grandemente a muitos pobres a quem a grande desgraça feriu mais profundamente.

Trata-se, pois, duma medida sobremodo simpática que a nossa população, por isso mesmo, acolheu do melhor grado.

Merecida homenagem

Tudo se prepara para que a homenagem que os municípios do país vão prestar ao sr. Ministro das Obras Públicas, como agradecimento da acção desenvolvida por aquele ilustre homem público quando do ciclone, revista o maior significado e expressão.

Efectivamente, todos os agradecimentos são poucos para quem, em hora tão grave para a vida do país, soube tão bem estar à altura dos acontecimentos e prestar à nação os maiores e mais relevantes serviços.

GIL DO SUL

IMPRENSA

Defesa de Espinho

Conta um ano mais êste semanário regionalista, que se publica na praia nortenha sob a direcção de Benjamim da Costa Dias.

Parabens ao colega! E longa vida. Mesmo sem tomar o elixir, que agora anda muito falsificado...

O amor da terra

Um jornal do norte preconiza, muito sensatamente, a conveniência de se procurar evitar excessos no movimento, que se regista, de abandôno da terra. E' natural a aspiração de ricos e de pobres, a dêstes alimentada à custa de pesadíssimos sacrifícios, para dar aos seus filhos um curso superior. Mas o que havia a tentar é que êsses filhos da terra pudessem regressar um dia a ela, possuïdores de um diploma que lhes permitisse valorizar o aproveitamento do solo. Porque não há-de, na verdade, o filho do trabalhador da terra continuar a ser o trabalhador rural, substituindo, embora, a enxada pelos tractores, organizando cientificamente, graças aos conhecimentos adquiridos, a exploração agrícola?

Há nesta fuga, verificada, para a cidade, a mesma busca de um Eldorado que se manifesta agora, por exemplo, no norte do país, onde o sonho das pesquizas mineiras do volfrâmio vêm roubando numerosos braços à agricultura.

Portugal é um país essencialmente agrícola. Sem pormos de parte todos os movimentos inteligentes e bem orientados, não voltemos as costas à terra. Sob pena de um dia podermos ver renovada, reduzida às proporções de diplomas de bacharéis ou de montes de volfrâmio, a fábula do homem que morreu de fome por querer transformar em ouro tudo em que tocava.

Transcrição

Agradecemos ao *Povo de Pardilhó* a do artigo *Vacas gordas*...

Banquete de homenagem

Segundo lemos no *Regional*, de S. João da Madeira, vai naquela importante vila do nosso distrito realizar-se um banquete de homenagem ao sr. dr. José Cerqueira de Vasconcelos, director e professor do Colégio Castilho, o qual deve ter lugar no dia da inauguração do novo edifício.

Muito bem. O sr. dr. Cerqueira de Vasconcelos, que tanto tem contribuído para elevar o nível mental e cultural da progressiva região, merece o reconhecimento dos que com isso ganham, dos que com isso lucram e tiram proveito. E' justa, portanto, a homenagem.

Ainda o nosso aniversário

Reconhecidos aos colegas *Correio do Vouga*, desta cidade, e *O Regional*, de S. João da Madeira, pela amabilidade dos seus cumprimentos.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, a sr.ª D. Maria José Pinheiro da Cunha, esposa do sr. capitão Manuel Lourenço da Cunha; a interessante Maria do Céu Pinto da Rocha, filha do sr. alferes António A. Vicente da Rocha, residentes na Figueira da Foz, e o sr. António Vicente Ferreira, tesoureiro da Câmara Municipal; àmanhã, a sr.ª D. Irene dos Santos Cruz, professora oficial e esposa do sr. Francisco Simões Cruz, empregado na Agência do Banco de Portugal; em 1 de Abril, as sr.as D. Rosa Ferreira dos Santos e D. Maria da Conceição Lares Pina, dilecta filha do sr. Antero Simões Pina; a inocente Maria Adozinda, filhinha do nosso amigo dr. Vitorino Simões Cardoso, tenente-médico de Infantaria 10, e os srs. dr. Carlos Vidal, médico na Costa do Valado, e capitão Casimiro Marques; em 2, a gentil Maria Esabeth da Cruz Marques, filha daquele oficial, e a menina Marilia Zaira F. de Sousa, filha do sr. Reinaldo Neto de Sousa, escrivão de Direito em Penafiel; em 3, o sr. José Alves dos Santos, de Coimbra, e em 4, a sr.ª D. Maria Celeste Soares Ferreira, esposa do sr. António da Costa Ferreira, e a menina Maria Manuela de Azevedo, filha do sr. Manuel Seabra de Azevedo, nosso dedicado assinante em Sá da Bandeira (Africa Ocidental).

Casamentos

Pelo sr. José Maria dos Santos e esposa foi pedida para seu filho, Alfredo dos Santos, a mão da menina Maria da Silva Neto, filha do sr. Domingos Simões Neto.

O enlace realisa-se brevemente.

Partidas e Chegadas

Estiveram nesta cidade os srs. Rodrigues Larangeira, jornalista na capital, Luciano Marques Lima, residente em S. Lourenço (Sabrosa) e Artur de Sousa, de Lisboa.

Doentes

Encontra-se quási restabelecida da doença que a acometeu, a sr.ª D. Luísa da Cruz Duarte Silva, esposa do sr. dr. Jaime Duarte Silva.

O TEMPO

A Primavera veio mostrar-se na terça-feira e desapareceu de novo.

Se é pirraça, achamos que a época não se proporciona a brincadeiras...

Vamos. Saia e fixe-se...

DR. LOURENÇO PEIXINHO

Têm progredido as melhoras do activo presidente do município, que todavia, ainda não saíu de casa.

Continuamos a fazer votos pelo seu completo restabelecimento.

A fantasia-regional "Môlho de Escabeche" continua a sua brilhante carreira

O que dela disseram os jornais do Pôrto aonde vai ser representada brevemente

Do *Jornal de Notícias*, de segunda-feira, 17 do corrente:

Já vimos, já ouvimos a revista-fantasia de Aveiro. Vimo-la, ouvimo la no último sábado. Verificamos, jubilosos, que não fomos precipitados nos nossos sumários juizos. A revista de Aveiro, de típico nome—*Môlho de Escabeche*—tem muito que ver e que ouvir. Regala o espírito, agrada aos ouvidos e recreia os olhos. Houve quem tentasse defini-la nesta síntese fulgurante—*côr, coros e caras.* Mas a revista de Aveiro é mais, muito mais que isso. Tem, aqui e ali, acentuadas tendências críticas, bem marcada projecção social. Apontaremos, por exemplo, *Doido por festas,* satira entre risonha e sangrenta, a que o autor, António Flamengo, um verdadeiro actor, deu singular realce. E ainda, entre outros numeros, o *Rapaz dos Moinhos,* que, na alegria exuberante da côr, na alacre mocidade, revela um intenso drama social. Que bem o fez, que bem o disse Laura de Albuquerque.

* * *

Mas a revista de Aveiro—êste titulo é a mais justa e merecida homenagem aos rapazes e às raparigas do Clube dos Galitos—tem a recomendá-la, a impô-la, muitos outros requisitos, muitos outros dotes, muitas outras faculdades. Destacaremos a musica, de João Lé, um novo diplomado pelo Conservatório do Pôrto. E' nos quadros de feição folclórica ou regional que João Lé revela o seu prometedor talento. Ausculta, nas origens, a alma popular. Há, é certo, no libreto, fortes influências da música moderna, nomeadamente dos *fox-slows,* tam vulgarisados pelos filmes norte-Americanos. Aí mesmo se fez sentir a acção artística e nacionalista—ou regionalista—de João Lé, que soube adaptar, recriando-os, êsses motivos. *Noite de folia, Turbilhão Carnavalesco*—tam dinâmicos—documentam êste processo.

A valsa de Nóbrega e Sousa, de ritmo lento, entre amorosa e sensual, é outro *atout* da composição musical—outra iniludivel vitória.

* * *

As notas folclóricas ou regionais não restringem o ambiente estético da fantasia. Dão-lhe, pelo contrário, maior amplitude.

Que sucede, correntemente, nos nossos palcos, com as revistas dos *consagrados?* O quadro de rua e o quadro de comédia alternam com os chamados motivos regionais—ou patrióticos. Simplesmente o patriotismo e o regionalismo dêsses ultra-consagrados autores é de fachada—ou de encomenda. Não foi observado *in loco,* não remontou às origens. Êsse o mal. Em vez de regionalismo—dão-nos estilisações. E a estilisação, quando realizada sem escrupulos artísticos, quando realizada em série, não dá a alma, a verdade do povo—mutila, deturpa a verdade.

Dêste feio, dêste vil pecado, não pode acusar-se a fantasia de João Lé, com lindos e singelos versos do sr. dr. Luís Regala.

Para que se não diga que escrevemos de ânimo leve, com a cabeça no ar, concretisaremos: Onde encontrar a beleza lírica da *Serra Bendita?* O sabor, o ambiente das *Empilhadeiras?* A ternura e a alegria doidivanas do *Era uma vez...* e *Quando o Natal chega?*

O descritivo forte e empolgante dos *Chales de Aveiro?* A luminosa poesia das *Manhãs de Sol* e *Cisnes da ria?* A apoteose ofuscante do *Oiro da Bairrada?* Onde? Onde?!...

Moldada, embora, dentro dessa feição típica—*Môlho de Escabeche* cumpre rigorosamente todas as boas regras dum espectáculo ligeiro e moderno. *Côr, coros, caras—e alma.* Muita alma. Alma que se vê, que se *apalpa,* que se concretisa. Alma — somatório duma magnífica unidade estética e psíquica.

Tal como foi escrita, tal como é representada—a revista de Aveiro pode, triunfalmente, correr todos os palcos portugueses. Não haverá um só compatriota—um só!—que a não compreenda, que a não sinta, que a não aplauda. Os quadros de ambiente mais local—como o do velho pescador e o do turbulento neto—tem notações climaticas e psíquicas que não escapam aos mais leigos.

Não nos surpreendeu, depois de a vermos e ouvirmos, que o Coliseu dos Recreios de Lisboa, a maior casa de espectáculos do país—seis a sete mil lugares!—esgotasse a lotação três noites seguidas. Nem, tampouco, que o público da capital, delirante de entusiasmo, tivesse bisado e trisado todos os seus numeros. Sucederá o mesmo no Pôrto, no nosso Rivoli. E' que os autores *consagrados* não fazem mais—nem melhor.

* * *

Um grande mérito tem o original de António José Flamengo, singularmente enriquecido pelos versos do sr. dr. Luís Regala — a simplidade da linguagem. Essa simplicidade, que não exclue a beleza, que é, talvez, a sua mais sólida base, torna acessível *Môlho de Escabeche* a tôda a gente. Evita-se o calão, foge-se à porcaria, não se recorre ao duplo sentido pornográfico ou soez. As personagens, símbolos ou projecção de tipos humanos, falam a linguagem corrente, de todos os dias. Nos quadros rusticos, como o da *Serra Bendita,* confirma-se o profundo conceito de Anatole France, um artista que nunca se divorciou do Povo—«*Le langage des hommes est né du sillon: il est d'origine rustique, et, si les villes ont ajouté qualque chose à sa grâce, il tire toute sa force des campagnes où il est né*». Suprema verdade. António Flamengo, muito novo ainda, deu-se conta disso. *E' o povo que faz as linguas.* E no *Môlho de Escabeche,* fantasia-revista do povo para o povo—só o povo fala, só o povo vibra. *E' o povo que faz as linguas.* Platão—é ainda Anatole que recorda—escrevera, muito antes de Cristo: *O povo é, em matéria de linguas, o melhor dos mestres.* O comentário desdenhoso de Voltaire não destruiu esta verdade elementar.

«A gente fala para se entender—acrescentou Anatole. Em questões de lingua—só o uso é regra absoluta». Nada de rebuscado, de artificioso no original de Aveiro. Mas também nada de livre, e, menos ainda, nada de licensioso.

* * *

Teremos dado, nestas linhas breves, a sugestão da peça que vimos e ouvimos ante-ontem? O autor não teve a preocupação de inovar: recorreu às teorias correntes, à mecânica em uso—mas fê-lo com decoro e talento. O quadro de abertura, com grandes massas, bem vestido, boa cenografia, é revista do melhor sentido da palavra. As apoteoses, aparatosas, movimentadas, fogem da regra comum—são excepções à regra... A do 1.º acto, apoteose à gente do mar, tem relevo dramático, angustia. A do ultimo, glorificação do trabalho, é dum fremente simbolismo.

O desempenho revela verdadeiros valores. Notemos, de passagem, que os *actores* e *actrizes* do Clube das Galitos trabalham ou estudam de dia. O *atelier,* o escritório, a oficina e a escola levam-lhes o melhor tempo. Só podem ensaiar à noite, depois de finda a jornada de trabalho. E assim mesmo fazem mais do que cumprir—brilham. Quando os grupos corais cantam ou dançam—não há a mais leve ideia de que estejamos na frente de simples e entusiastas amadores. A própria declamação tem ali os seus mestres. Há raparigas esbeltas, engraçadas, elegantes. Precisar, exemplificar—é ainda a maneira mais eloquente de confirmar o que escrevemos.

* * *

Lourdes Teles impõe-se pela desenvoltura e pela naturalidade. Veste pri-

Apeadeiro do Paraimo

Consta-nos que, dentro em breve, passará a fazer despachos de mercadorias, o que é de grande vantagem tanto para a C. P. como para a vastissima região da Bairrada.

Congratulamo-nos com o facto.

Esquadra moliceira

No dia 25 efectuou-se, como de costume, a feira dos barcos. Houve, por conseguinte, na ria, também desusado movimento, que despertou a atenção de muitos dos nossos visitantes pelo aspecto dos canais central e das Pirâmides, que era, realmente, digno de admiração.

Aveiro marca. E pode continuar porque os derrotistas foram reduzidos à sua insignificância.

Cuspir no chão é feio e anti-higiénico.

Cartas a uma amiga de longe

Março, 1941

Minha querida:

A Feira de Março... Já chegou outra vez a sua época. Portadora de animação e movimento, a Feira mostra bem aos que dizem que ela deve acabar, quanto é descabida essa idéa. Arrastando à cidade tantas pessoas, tendo já anos e anos de existência, ela faz parte, há muito, da história citadina.

Ninguém, nesta época, poderia passar sem dar umas voltinhas no *picadeiro* e os do Rossio ficariam desolados sem aquele espectáculo gratuito...

Agora blasfemam contra uma *certa* viela, para a qual dão as costas das barracas e que nem sempre cheira a cravos e rosas; mas se a Feira desaparecesse—quantas saüdades não lhes deixaria e como a discutida viela seria lembrada com emoção, até!...

Mas deixemos as trazeiras, que não são lindas, concordo, e vamos dar um passeio por dentro.

Os *stands* são menos numerosos que de costume, talvez porque a indústria, ressentida pela guerra, não queira estar a dispender dinheiro com réclames dêsse gênero. Mas os que estão são vistosos e dão ao conjunto um certo *il*...

O Pavilhão do chá, decorado com motivos regionais, está engraçado também. Nas barracas de quinquilharias há sempre as mesmas coisas, mas nós, os *grandes,* já temos amor àquele velho *stock,* que foi o enlêvo da nossa meninice. Lá ao fundo estão os ourives, as fazendas, os fatos feitos e os capotes à alentejana; os oratórios e os santos; as mobílias e o calçado. E talvez por a feira começar antes da Páscoa façam negócio, porque nessa ocasião tudo gosta de *estrear* vestimentas e de ter linda a casa para receber o senhor prior...

Estamos chegados agora ao *luna-parque.* Tanta barraca de tiro e tanta gente a atirar!...

Os fotógrafos tiram lindas poses, que nem sempre ficam tremidas... As mulherzinhas de Barcelos, encolhidas nas suas barraquitas mais frágeis do que casca de ôvo, vendem os seus barros, os apitos para a garotada e *lindas* e *artísticas* estatuetas...

Naquela tenda, donde está sempre a saír, à mistura com o fumo, um *agradável* cheiro ao azeite queimado, vendem as *farturas* e além, naquele recinto vago, ficará o circo, que ainda não chegou.

E acabou o passeio relâmpago à Feira de Março. Demo-lo a correr, porque não gostamos do passo de procissão e por isso muita coisa ficou sem ser vista. Mas prometemos que, se alguma coisa importante passou despercebida aos nossos cinco sentidos, mais tarde falaremos delas. A Feira está no começo e por isso ninguem sabe os imprevistos que ela nos trará...

Um abraço.

Zèmi

A Feira de Março abriu num lindo dia de Primavera

Abriu, finalmente, no dia 25, a tradicional feira do Rossio. Muita gente de fóra veio, por isso, à cidade, movimentando-a e animando-a. Os combóios chegaram apinhados. E pelas estradas circularam numerosos carros assim como centenas de bicicletas, juntamente com os que costumam fazer o trajecto a *pedibus calcantibus.*

Pelo meio do abarracamento vêem-se os *stands* da Fábrica da Vista-Alegre, da Emprêsa Industrial de Chapelaria, L.ª e de A. Henriques & C.ª, L.ª, de S. João da Madeira; do Queijo do Pinheiro Manso, da Feira do Livro e da fábrica da Viuva de Jaime Rodrigues, desta cidade, não sendo o número mais elevado devido às circunstâncias do momento.

O pórtico, que à noite se apresenta vistosamente iluminado, sofreu modificação êste ano, funcionando ao lado esquerdo o gabinete da Comissão Municipal de Turismo, para informações, e achando-se na sala da direita, em exposição, a louça artística da Fábrica Aleluia.

O primeiro concêrto musical foi dado pela Banda José Estêvão sob a regência de António Lé e à noite tocou no mesmo coreto, com muito agrado, a Tuna Souzelense, regida pelo sr. Joaquim Maria Simões Pleno, à qual agradecemos os cumprimentos a esta Redacção, após a chegada, bem como os da sua direcção constituida pelos srs. Alfredo Augusto dos Santos, José Rodrigues Valente e Joaquim Costa.

Ante-ontem fez-se ouvir a Banda Amizade. Mas o que não está certo é os alto-falantes funcionarem durante a execução dos programas. Precisa de se harmonisarem as duas coisas.

A'manhã efectua-se o 3.º concurso de gado bovino das raças Torina Holandesa e Mirandês-Marinhão, com prémios, exibindo-se dosde as 21 horas à meia noite o rancho *Camponezas,* da Vacariça-Luso.

No dia 1 teremos no recinto das diversões um número grandioso, qual seja a exposição de bichos e panteras da selva, que pouco se demoram entre nós, segundo dizem os cartazes.

No Pavilhão Municipal, artisticamente decorado com motivos regionais, como já noticiámos, também há música às terças e sextas-feiras por um sexteto de que fazem parte a sr.ª D. Joana Melo, ao piano, e o violinista João Lé, anunciando-se ainda outros atractivos que iremos descrevendo de harmonia com o espaço e na devida altura.

A Feira de Março acha-se, pois, a funcionar. E se o tempo permitir, a avaliar pelo primeiro dia, o seu valor não será deminuido, visto ter aumentado o número de concorrentes.

Pesca do bacalhau

O arrastão *Santa Joana,* de Aveiro, é o primeiro barco português que segue para os bancos da Terra Nova e Groëlandia, tendo saído, na quarta-feira, a barra de Lisboa.

Oxalá seja feliz em tudo: na viagem, como na campanha a encetar.

O VÔO DAS AVES

O marnoto João da Costa encontrou, há dias, numa marinha, o esqueleto dum pombo, com uma anilha de aluminio, onde se lê: *Portugal 39—476946.*

De onde viria?

Cadernetas de sêlos

Ainda cá não chegaram. Paciência. Elas virão. No entanto já possuimos uma, gentilmente oferecida pela Administração Geral dos Correios, cuja amabilidade agradecemos.

São, realmente, duma utilidade para o público digna de elogio.

Banco de Portugal

Recebemos o relatório do Conselho de Administração relativo à gerência de 1940 e bem assim o Parecer do Conselho Fiscal, ao mesmo anexo, que o considera em condições de ser aprovado, com louvor, pelos srs. accionistas.

E' um documento de alta importância na vida financeira do país.

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense,* Rua dos Mercadores.

morosamente. Angela de Jesus pode considerar-se uma estrela entre estrelas. Canta, dança, representa—e vai sempre na primeira linha. A sua *Serrana* é um primor de observação, o seu *Chico da Nau*, que o Pôrto trisará com entusiasmo, uma afirmação brilhantissima. Laura Albuquerque acompanha-a em vôo alto. Vai sempre bem—mas no *Rapaz dos Moinhos*—voltamos a repeti-lo—emociona. Ester Amaral é preciosissima. O quarteto dos *incursionistas*, rico de observação cómica, deve-lhe muito. Não deixem de trazer êsse numero ao Pôrto! E', sem duvida, um dos mais completos da peça--e dos mais felizes.

Outras raparigas a destacar—Adelaide Ferreira, simples e natural; Maria do Céu Lourenço, muito conscienciosa; Virginia Calixto, viva e dinamica; Democracia Graça, graciosissima; Maria Celeste Matos, superior de distinção numa chefe de quadro; Zidia Lemos, muito correcta. Do elemento masculino sobresai o autor—que tem verdadeiras criações. Diz sem enfase, naturalmente. Não se repete nem repete os seus tipos. Mário Teles acerta com o conjunto. Firmino Costa valoriza as suas rábulas. Agnelo Coelho tem muito carácter.

Há um rapazito—Fernando Morais Sarmento — verdadeiramente notável. Diz bem, representa melhor. Mas o que surpreendente nêste fedelho é o ar consciente como *ouve*, a convicção com que se integra no conjunto. Numa idade critica — talvez quinze anos — prejudica-o, apenas, o timbre da voz—que, sem ser de criança, ainda não é de homem. Lisboa aclamou-o. O Pôrto, decerto, seguir-lhe-á as pisadas. E' estupendo!

Um tenor excelente, muito modesto e simpático—Sebastião Amaral. A fantasia de Aveiro deve-lhe muito. Um *baixo* com pouca escola, mas admirável voz—Luís António. O friso dos *cavadores*, tam expressivo, vive da sua preciosa colaboração. Digamos que os rapazes—oito—acusam bom ensaiador.

Os coros, numerosos e disciplinados, dão à peça muita animação. Caras lindas, frêscas, trabalhando, não por dever, com a mira nos lucros, mas por paixão à arte e à terra natal. Boas marcações coreográficas. Uma orquestra magnífica. Cenários novos, com boa luz, raro bom gôsto. Indumentária artística, por vezes luxuosa, dos costureiros de Lisboa Isaura de Paiva e Laiert Neves, *d'après* figurinos de Laiert Neves e Anibal Ramos. Segura direcção musical. A encenação, do autor—que também ensaiou os grupos coreográficos—de ritmo admiràvelmente ajustado à acção.

O mesmo entusiasmo da plateia, a mesma vibração—não obstante estarmos muito longe da noite da estreia.

* * *

Assistiram ao espectáculo de sábado, como dissemos ontem pelo telefone, além dos críticos dos jornais do Pôrto, o presidente e demais directores da Casa da Impresa e do Livro. O sr. dr. Alfredo de Magalhãis e os seus colegas de direcção, finda a récita, avistaram-se, na séde do Clube dos Galitos, com os dirigentes dêste benemérito organismo. Assistiram à reünião, também, os enviados especiais e os correspondentes locais dos três diários portuenses. Ficou assente, em princípio, que o Clube dos Galitos viria a esta cidade, sob o patrocinio da Imprensa, na primeira quinzena do mês próximo, possívelmente na semana que medeia entre a Páscoa e a Pascoela. Dará três récitas seguidas no Rivoli—o único teatro do Pôrto que pode, sem agravar os seus preços, exibir tão numeroso e artístico conjunto. Esta combinação, bem entendido, fica dependente das indicações do estimado empresário Pires Fernandes—que, de espírito moço, empreendedor, se mostra disposto a acarinhar mais esta realização.

Aveiro, que exibiu a sua linda peça em Lisboa, tem o natural desejo de vir à Invicta. Os portuenses esperam ésse momento com alvoroço. Será, além de tudo, uma ocasião propícia para estreitar mais e mais os laços que ligam as duas cidades.

...E há ainda uma razão de fôrça: o Pôrto, a meio caminho certo de Aveiro e de Viana do Castelo, pode ser muito bem a plata-forma em que as duas cidades-irmãs se encontrem!

J. R.

O espectáculo do último sábado teve a mesma concorrência dos anteriores: casa cheia como um ovo e aplausos contínuos.

Agradecimento

Maria Pereira Chuvas Godinho e Ambrósio Ferreira Godinho, filhos e demais família da falecida Maria Ambrosina Chuvas Godinho, por êste meio patentear o seu reconhecimento às pessoas que a acompanharam à última morada e lhes enviaram condolências, pedindo desculpa de qualquer falta que involuntàriamente hajam cometido.

Ilhavo, 26 de Março de 1941.

Aveirenses!

Na Feira — diz a cantiga — brilham mais as raparigas... Sim, acreditamos. Mas também brilha a *Casa de Guimarãis* (Cutilaria Silva 5) que há anos concorre a êste mercado, apresentando o maior, melhor e mais seleccionado sortido de facas, faqueiros, navalhas, tesouras e mais utensílios para os diferentes ofícios, bem como louças de aluminio da acreditada marca **Trevo de 4 fôlhas.**

Esta casa garante os artigos de corte que vende, não receando competidores.

Visitai-a, pois, no vosso próprio interesse.

Banco Regional de Aveiro

Aviso

Dividendo de 1940—Coupon n.º 8

Avisam-se os Snrs. Accionistas de que a partir do dia 8 de Abril de 1941 estará em pagamento na sede do Banco o coupon n.º 8, referente ao dividendo de 1940, à razão de 4 por cento, cativo de impostos, sendo:

Para as acções nominativas, Esc. 3$56 por acção;

Para as acções ao portador, Esc. 3$37 por acção.

Aveiro, 27 de Março de 1941.

A DIRECÇÃO

Convocação

Convoco para reünirem no dia 15 de Abril próximo, pelas 13 horas, os sócios da firma *Dias, Manes & Ventura, L.da*, com sede em Aveiro, no escritório do gerente, no Largo do Rossio, n.º 17, desta cidade, a-fim de se resolver sobre a venda de alguns dos imóveis sociais.

Aveiro, 24 de Março de 1941.

O Gerente

Manes Nogueira

Correspondências

Póvoa do Valado, 27

Com 60 anos faleceu aqui Rosa da Cruz Maia Lameiro, casada com Manuel Simões Lameiro, sendo sepultada no cemitério da Barroca.

C.

Quintans, 27

Faleceu, há dias, o lavrador Sebastião Nunes Vidal, casado, de 81 anos, cujos sofrimentos vinham de longe.

Era um homem honesto e trabalhador, pelo que grangeara a estima dos seus conterrâneos, muitos dos quais o acompanharam ao cemitério da Oliveirinha.

Entre os filhos, conta-se o nosso amigo Carlos Vidal, ausente na América do Norte, e era tio do professor Adelino Vidal.

Condolências.

C.

Costa do Valado, 27

Acha-se melhor a filhinha do facultativo, sr. dr. Carlos Vidal.

—Faleceu ontem Margarida de Jesus Fernandes, a *Parca*.

Contava 82 anos de idade e era viuva.

C.

Esgueira, 27

Depois de ter sido operado, já se encontra em via de restabelecimento o nosso amigo Américo Ramalho.

Folgamos.

—Em Alfarelos, faleceu com 66 anos de idade, o sr. Martins Gilzás, casado com a sr.ª D. Maria da Assunção Gilzás, daqui natural.

Foi pai exemplar de sete filhos, entre os quais o nosso amigo João Gilzás, a quem enviamos condolências extensivas a tôda a família enlutada.

C.

Necrologia

D. Maria Carolina Lopes Martins

Faleceu às primeiras horas da penúltima sexta-feira, no Porto, aonde acidentalmente se encontrava de visita, a veneranda mãi das srs.as D. Margarida de Sousa Lopes e D. Guilhermina Martins da Silva e dos srs. Manuel, Luís e José de Sousa Lopes, com residência, lá em baixo, na Rua Coimbra.

Era a sr.ª D. Maria Carolina Lopes Martins uma das pessoas mais idosas da cidade, pois contava 93 anos, feitos a 11 do corrente, tendo o desenlace ocorrido quási sem sofrimento, o que ainda mais consternou as pessoas de família e todas aquelas com quem privava de perto, admirando-a pela sua robustez física, pela clareza do seu espirito, pela vista apuradissima que possuia, por todos os predicados, enfim, que nela concorriam e a tornavam estimada.

Fôra essa senhora uma mãi carinhosa e por isso recebeu durante a sua longa existência a devida recompensa, principalmente por parte do filho José, que a estremecia, e em Lisboa, onde reside, se encontra muito doente a ponto de se não poder deslocar para dela se despedir.

O cadáver da saudosa extinta veio num auto dos Bombeiros Voluntários desta cidade, que o foi buscar, e esteve na igreja da Misericórdia até sábado, tendo-se nesse dia, de tarde, realizado o entêrro, após o serviço fúnebre, para o cemitério central, onde o corpo ficou em jazigo de família.

Da chave da urna foi portador o sr. dr. José Maria da Silva, professor do Liceu Alexandre Herculano na capital do norte.

A quantos pranteiam a morte da velhinha, tida como uma relíquia entre os que mais lhe queriam, aqui deixamos consignadas as nossas sentidas condolências, especializando, porém, José de Sousa Lopes, velho e querido amigo, a quem abraçamos na hora dolorosa que o compunge, dilacerando-lhe o coração.

* * *

No bairro piscatório sucumbiu, terça-feira de manhã, aos estragos duma grave enfermidade, João da Cruz Melo, de 28 anos, e que há perto de três tinha enviuvado, não deixando descendentes.

Foi a enterrar no mesmo dia, tendo-o acompanhado à última morada alguns amigos e outras pessoas a quem o seu desaparecimento impressionou.

* * *

Em Coimbra finou-se, tambem, a semana passada, depois de prolongado sofrimento, a sr.ª D. Carolina Paulos, que vivia na companhia de sua filha e genro, o nosso amigo Arnaldo Alves dos Santos, empregado no Museu de Zoologia.

Era viuva, tinha 77 anos e foi sepultada no cemitério da Conchada, aonde a acompanharam numerosas pessoas das relações da família dorida.

* * *

Faleceram mais: nesta cidade, Francisco Pinheiro Serra (o n.º 1), solteiro, de 53 anos, carregador dos caminhos de ferro, e em *Taboeira*, José Marques Nunes, casado, de 48.

Secção Desportiva

Foot-Ball

União, 3 — Beira-Mar, 1

O *Beira-Mar* sofreu, no domingo, uma derrota que muito poderá vir a comprometer a sua classificação no campeonato nacional da 2.ª divisão.

Encontra-se, presentemente, em igualdade de pontos com a *Ovarense*, devendo o campeonato da respectiva zona decidir-se entre os dois grupos.

Se houvesse batido o *União* poderia — admitindo a hipótese provável de no domingo vencerem os de casa — considerar-se vencedor absoluto dêste campeonato.

Os aficionados do grupo local venceram, no entanto, o seu agrupamento. Aterrorizaram os jogadores de tal forma que os rapazes do *Beira-Mar* partiram para Coimbra já batidos. Se ganhassem, diziam-lhes muitos, pagariam com o físico o atrevimento da vitória. E o receio que injustificadamente—pois êles bem sabiam que as *demarches* havidas entre as direcções do *Beira-Mar* e do *União* garantiriam em absoluto que nada se registasse de desagradável na cidade Universitária — se apoderou dos componentes do nosso *team*, só isso, fez com que não viesse para Aveiro uma vitória... a vitória que nos garantiria o campeonato.

Mas nada está ainda perdido.

O jôgo de Ovar é decisivo, e por isso é preciso ganhá-lo! Será, talvez, difícil, mas não impossível.

A vitória virá para Aveiro, não tenham dúvidas, desde que os nossos rapazes se resolvam a ir ganhar. Joguem com interesse, ponham na luta todo o seu entusiasmo e lembrem-se que de cada lado há onze jogadores com possibilidades iguais e com os mesmos direitos e o resultado do desafio não nos será adverso.

E os adeptos e simpatisantes que vão, nêsse dia, *mas em massa*, apoiar o seu Clube, incitar à vitória o grupo da sua terra.

Foi assim, com o entusiasmo e interesse dos jogadores e o apoio dos seus adeptos, que o *Beira-Mar*, há quatro anos, foi a Ovar vencer por 7-0, num desafio em que poucos acreditavam na vitória.

Vamos todos, pois, buscar a Ovar a vitória precisa!

Basket-ball

Galitos, 24 — Académica 8

No Campo do Parque realizou-se, domingo, o anunciado encontro desta modalidade, vencendo os *Galitos* à *Académica*, de Coimbra, por 24 8.

Teve lugar antes um desafio entre o Liceu e as reservas dos *Galitos*, ganhando estas por 20-8.

A.

Vêr para crêr

Ao **Salão Chic**, da Avenida Central, acaba de chegar uma linda colecção de chapeus para criança com os mais *chics* modêlos para a próxima estação de Verão, que expõe no dia 24. Não percam tempo, pois os seus preços são acessiveis.

Comarca de Aveiro

ANUNCIO

Por sentença de 10 de Fevereiro último, que transitou em Julgado, como fundamento nos n.os 2, 4 e 5 do art.º 4.º do Decreto de 3 de Novembro de 1910, foi decretado o divórcio definitivo entre os conjuges Francelina Ferreira de Jesus, doméstica, do lugar e freguesia da Palhaça, e Fernando Nunes Costa, agricultor da vila e freguesia de Ilhavo, ambos desta comarca, ficando, assim, dissolvido o seu matrimónio o que se anuncia para os devidos efeitos.

Aveiro, 22 de Março de 1941.

Verifiquei

O Juiz de Direito da 2.ª Vara

A. Fontes

O Chefe da 1.ª Secção da 2.ª Vara

António Augusto dos Santos Victor